

Gramaticalização e semanticização das conjunções correlativas “sem cabeça” o caso do que consecutivo

Marcelo Módolo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MÓDOLO, M. Gramaticalização e semanticização das conjunções correlativas “sem cabeça”: o caso do que consecutivo. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 441-452. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Gramaticalização e semanticização das conjunções correlativas “sem cabeça”: o caso do *que* consecutivo

Marcelo MÓDOLO
Universidade de São Paulo

Introdução

Este trabalho propõe analisar a gramaticalização e a semanticização das conjunções correlativas “sem cabeça”, em especial o *que* consecutivo. Levam-se aqui em consideração dois planos de análise, ou seja, a alteração da prosódia nos verbos CHOROU e TRABALHA, conforme os exemplos abaixo, com a conjunção consecutiva *que*, formalmente expressa, assim em:

- (1) [Chorou tanto] [que ficou com os olhos inchados].
- (2) [CHOROU] [que ficou com os olhos inchados].
- (3) [Trabalha tanto] [que se mata].
- (4) [TRABALHA] [que se mata].

Analisando (1), vemos que a primeira sentença encerra o intensificador *tanto*, que exige, obrigatoriamente, na segunda, a conjunção *que*; o mesmo processo sintático acontece em (3). Já as sentenças (2) e (4) provavelmente seriam gramaticais na fala, por causa de uma prosódia distinta que seria possível imprimir a esse enunciado, particularmente aos verbos CHORAR e TRABALHAR.

A proposta desse trabalho é, portanto, analisar a correlação conjuncional como imbricamento de propriedades dos sistemas lexical, discursivo, gramatical e semântico, restringindo-me, aqui, à formação do par correlativo consecutivo *tanto... que* > *que*, conforme Castilho (2008) e Módolo (2005).

Passo, em seguida, para a explicação da Teoria Multissistêmica, que norteará nossa pesquisa.

1 “Teoria multissistêmica da língua”, segundo Castilho (2008)

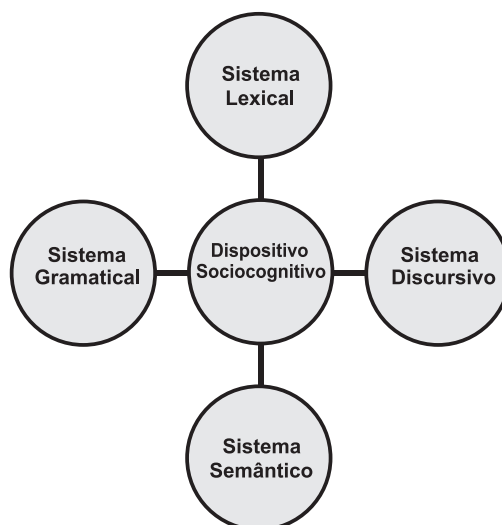
De acordo com Castilho (2008), encontramos em todo enunciado linguístico simultaneamente quatro formas de estruturação, que equivalem a quatro subsistemas: lexical, discursivo, semântico e gramatical.

Esses subsistemas não aparecem hierarquizados, mas há entre eles uma articulação, garantida por um dispositivo sociocognitivo. O autor postula ainda que esses subsistemas sejam independentes uns de outros, caracterizando-se como um feixe de categorias próprias. Cada expressão linguística exemplifica simultaneamente todas essas categorias, por vezes, com maior ou menor visibilidade. A língua, por sua vez, é vista como um multissistema complexo e multifacetado, passível de ser compreendido somente como um conjunto de propriedades linguísticas.

Desse modo, o sistema lexical caracteriza-se pelos processos de criação de itens lexicais, por etimologia (lexicalização ocorrida já na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida na língua-alvo, por meio de desdobramentos de itens pré-existentes), ou por empréstimo (lexicalização por contacto linguístico). Por sua vez, o sistema discursivo abriga as negociações intersubjetivas que se desencadeiam no momento da enunciação: a constituição do locutor e do interlocutor, a seleção e elaboração de um tópico conversacional e as rotinas da conversação — o texto é o resultado dessas negociações. Já o sistema semântico é responsável pelos diferentes processos de criação dos sentidos lexicais (como a denotação, conotação, sinonímia, antonímia, hiperonímia, por exemplo); dos significados componenciais (referenciação, predicação, dêixis, foricidade, etc.); e das significações interacionais (como inferências e pressuposições). Finalmente, o sistema gramatical se ocupa das relações que se estabelecem entre as classes gramaticais, e das funções que essas classes desempenham no enunciado. Esse sistema compreende a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Como unidades de cada um desses subsistemas, o fonema, o morfema, o sintagma e a sentença, dispõem cada um de propriedades descritivas.

Para Castilho (2008), nesse modo de ver a linguagem, não há prioridade de um sistema sobre o outro, os quatro agiriam concomitantemente — em forma radial —, acionados pelo dispositivo sociocognitivo central. Assim, teríamos a representação seguinte em forma de diagrama:

Figura 1



Partindo do sistema semântico e gramatical das correlatas, poderíamos destacar algumas propriedades da correlativa consecutiva *tanto... que*, fonte, segundo minha hipótese, da conjunção consecutiva *que*.

A seguir, definirei o que entendo por correlação conjuncional, para a boa análise dessa conjunção.

2 Amostragem das estruturas correlativas conjuncionais

Abaixo estão exemplares dos tipos de correlação retirados de Barbosa e Lopes (2004):

- (05) Correlação aditiva: “Findos que foram os discursos, foram franqueadas as portas das modestas salas da exposição, *não só* aos convidados da festa, *mas também* a todo o povo que alli se achava agglomerado, [...]” [PE/RE DP 19/2]
- (06) Correlação alternativa: “*Seja* sua queda dada entre as mãos dos aliados, *seja* dada entre os assomos d’essa heroica loucura que se chama suicidio; ella se realizará, [...]” [PE/RE DP 19 2];
- (07) Correlação comparativa: “Não lhe retribuimos na mesma moeda; nem transcrevemos taes escriptos, porque desejamos *mais* felicidade do Brasil *do que* elles; [...]” [RJ/RJ OBI 19 1];
- (08) Correlação consecutiva: “*Tanto* tem o contracto toda a força, como si houvesse escriptura publica, *que* o governo incluiu na concessão que nos foi feita a linha de que se trata; [...]” [BA/SA JN 19 2].

O exemplo (05) apresenta uma correlação aditiva, que é dada pelas expressões *não só* e *mas também*. Notamos que há soma de dois complementos nominais para o particí-

pio passado: *franqueadas aos convidados da festa e franqueadas a todo o povo que alli se achava agglomerado*. Essa correlação é dada pelas expressões *não só* (o advérbio *só* age como uma focalização “quebrada” pelo *não*) e *mas também* (uma inclusão, operada pela locução *mas¹ também*).

Na correlação alternativa (06), estabelecida pelas conjunções *seja... seja*,² observamos duas sentenças de estruturas iguais, paralelas, que preservam sua integridade semântica, mas que, embora interligadas pelas conjunções, não são autônomas.

Em (07), o intensificador *mais* funciona como o primeiro termo da comparação e exige seu correlato, *do que*. Tal correlato deveria figurar no SV de uma segunda sentença, mas a omissão desse SV é fato comumente descrito pelas análises sintáticas do português.

Já Abreu (1997, p. 34) afirma que as elisões do SV na segunda sentença são para evitar redundância discursiva, ou seja, os falantes preferem deixar elípticos elementos do predicado dessas sentenças. Ora, esse tipo de eclipse também seria encontrado em sentenças coordenadas como:

(09) Fernando saiu de casa às dez horas e eu, às onze.

(10) Marta comprou dois vestidos e Carla, três.

(11) Mário está apaixonado pela Valéria e Telmo também.

O que ocorre com essas sentenças é que o falante manifesta nelas também uma intenção comparativa. A frase (11) poderia, por exemplo, ser dita como: “Mário e Telmo estão apaixonados pela Valéria”.

A diferença é que a primeira versão reflete a atitude do falante em comparar a paixão de duas pessoas, o que não acontece nesta última. Em (09) e (10), também se comparam, pragmaticamente, horários de saída e compras de vestido. Vejo, por aí, que um fator pragmático (a intenção comparativa) acrescenta a uma oração coordenada a possibilidade de redução, neste caso, por elipse.

Finalmente em (08), a primeira sentença encerra o intensificador *tanto*, que exige a conjunção *que* na terceira sentença, obrigatoriamente. Essa restrição pode ser comprovada pela agramaticalidade de (08a), devido à omissão de *tanto*; bem como pela omissão de *que* em (08b):

1 O *mas*, nesse contexto, conserva nítido valor etimológico de inclusão. Relembro que *mas* deriva do advérbio latino *magis*, cujo valor semântico de base era estabelecer comparações de quantidades e de qualidades, identificando-se nele, ainda, valores secundários de inclusão de indivíduos/objetos em um conjunto, conforme os exemplos: (a) *Contrataremos mais trabalhadores para a indústria*, (b) *Ele tem mais bugigangas do que seu pai*.

2 Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado, por manter o seu valor verbal: a) *Sempre discordam de tudo, sejam as discordâncias ligeiras, sejam de peso*; b) *Sempre discordam de tudo, fossem as discordâncias ligeiras, fossem de peso*. A natureza verbal de *seja... seja* ainda é visível na possibilidade de ser flexionado em tempo, pessoa e número, e de — principalmente — co-ocorrer com a conjunção *ou*, como em c) *Sejas tu ou seja eu, alguém tem de encontrar a solução do problema*; d) *Fossem amoras ou fossem pêssegos, alguém tem de encontrar a solução do problema*. Embora também de origem verbal, *quer... quer*, ao contrário, já está inteiramente gramaticalizado, e permanece sempre invariável.

(08a) * *TEM* o contracto toda a força, como si houvesse escriptura publica, *que* o governo incluiu na concessão que nos foi feita a linha de que se trata...

Como já frisamos, provavelmente essa sentença seria gramatical na fala,³ por conta de uma prosódia distinta que seria possível imprimir a esse enunciado.

(08b) * *Tanto* tem o contracto toda a força, como si houvesse escriptura publica, o governo incluiu na concessão que nos foi feita a linha de que se trata...

É possível verificar que as expressões *tanto* e *que* estabelecem um encadeamento, do qual derivou em (08) a noção de consequência.⁴

Essa amostra de frases correlativas ilustra uma relação de interdependência, ou seja, a estrutura frásica de duas sentenças que se correlacionam parece estar estreitamente vinculada por expressões conectivas que, no caso, são as conjunções *não só... mas também, seja...seja, tanto...que e mais...do que*.

De fato, essa interdependência tem sido destacada na literatura como o traço característico da correlação, como salientou Blanche Benveniste (1997, p. 100):

Dans une corrélation, deux parties sont mutuellement dépendantes: Tantôt il pleure, tantôt il rit. Dire l'une sans l'autre fait l'effect d'un énoncé interrompu, Tantôt il rit..., éventuellement utilisé comme tel.

No Brasil, quando descrevera a correlação comparativa, Melo (1954, p. 121) parece ter ido nessa direção:

3 Barreto (1914, p. 116-117) questiona essa posição, ao dizer que a elipse do primeiro elemento da correlação consecutiva é frequente:

"Mas o que consecutivo emprega-se muitas vezes sem ser precedido de um antecedente como tal, de tal modo, de tal sorte, de maneira, etc. É elipse freqüente:

Fala que parece um papagaio;

Almocei que foi uma delícia;

"Escura mesmo ao meio-dia, sempre alcatifada de lodo, onde os pés se atolavam até ao artelho, e estreita que dois vizinhos, estendendo o braço, podiam quase apertar as mãos de um lado a outro, a famosa rua..." (Reb. da Silva. De noite todos os gatos são pardos, p. 8);

O pai de Álvaro foi hoje a nossa casa, atribulado que fazia dó!" (Camilo, Lágrimas abençoadas, liv. III, cap. 28, p. 168);

"Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar que cortava o coração, e a clamar que queria ver seu pai." (O mesmo, O Regicida, cap. 19, p. 177);

"Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam que parecem asas." (Machado de Assis, Quincas Borba, cap. 28, p. 44);

"Palha falou da defunta com muitos encarecimentos; depois contou a dor de Maria Benedita; estava que metia pena." ("ID, ib., cap. 83, p. 159")

4 Poderíamos pensar em outra interpretação para o par *tanto...que*, tendo como base a sentença: *Ele comeu tanto que estourou*.

Segundo comunicação pessoal feita pelo Prof. Dr. Mário Alberto Perini, em *Ele comeu tanto que estourou*, temos o elemento *tanto*, que é objeto direto de *comeu*, e que faz parte da expressão *tanto que*, que está justamente ligando as duas sentenças. Ou seja, embora (*que*) *estourou* não seja termo da sentença matriz, ainda assim não está somente colocado ao lado dela, como as coordenadas. Na verdade, o quantificador *tanto* estaria predicando um SN elidido, que serviria de objeto direto a *comeu*. Assim, teríamos algo como: *Ele comeu tanto (macarrão) que estourou*.

A análise como objeto direto resolveria o problema para o caso dos verbos transitivos. Mas o que fazer quando o verbo é intransitivo (como correr, caminhar, dormir)? Teríamos nesse caso, necessariamente, aquilo que a gramática latina chamava "acusativo do objeto interno", isto é *somniare somnium, prandere prandium*, etc?

Correlação é um processo mais complexo em que há, de certo modo, interdependência. Dá-se, neste processo, a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo.

Assim, a correlação conjuncional pode ser caracterizada como um tipo de conexão de uso relativamente frequente, particularmente útil para emprestar vigor a um raciocínio, estabelecendo uma coesão entre sentenças ou sintagmas, e aparecendo principalmente nos textos apologéticos e enfáticos. A correlação exerce aí um papel importante, pois concorre para que se destaquem as opiniões expressas, a defesa de posições, a busca de apoio, mais do que apenas informar com objetividade os acontecimentos.

Ao adaptar a proposta de Braga (2001, p. 28), que, por sua vez, se baseou em Foley & Van Valin Jr. (1984), posso assim distinguir correlação ou cossubordinação em oposição à coordenação e à subordinação:

a) Correlação (ou cossubordinação): [-encaixamento] [+dependência]. Os dois conectores não estão em uma relação de encaixamento, embora se encontrem em uma relação de dependência no que diz respeito à força ilocucionária e tempo absoluto;

b) Coordenação: [-encaixamento] [-dependência]. Os dois conectores são independentes, a relação entre eles é todo-todo. Daí o fato de cada um poder ter sua própria força ilocucionária e ser especificado, independentemente, quanto a outros operadores como evidenciais, tempo, etc;

c) Subordinação: [+encaixamento] [+dependência]. Um dos conectores está encaixado no outro e a relação entre eles é parte-todo. O junto subordinado codifica informação de “fundo” e não pode ser especificado, independentemente, quanto à força ilocucionária.

Assim, poderíamos dizer que a correlação é uma categoria intermediária, que se dispõe no intervalo de duas categorias tidas como prototípicas, ou seja, a coordenação e a subordinação. A correlação possui traços tanto da coordenação, como da subordinação.

Sem fazer referências explícitas às correlatas, os estudos de Hopper e Traugott (1993), que consideram o processo sintático de combinação de cláusulas de acordo com a perspectiva da gramaticalização, propõem uma redefinição da relação intersentencial por meio do *continuum*: parataxe > hipotaxe > subordinação. As categorias presentes nesse *continuum* seriam descritas tendo em vista os parâmetros dependência e encaixamento. A parataxe se caracterizaria por uma independência relativa, conseqüentemente, seu vínculo semântico seria inferido pela relevância e pelo sentido que emerge da conjunção das duas, ou mais, cláusulas; não havendo encaixamento de uma cláusula dentro de outra. Esse grupo é formado por orações coordenadas e justapostas, e, segundo os autores, a relação semântica entre elas se dá somente por inferência. Na hipotaxe, haveria uma interdependência entre as cláusulas, que são definidas como núcleo e margem; integrando esse grupo, estariam as orações adverbiais e as relativas apositivas. Por fim, na subordinação, observar-se-ia uma total dependência entre as cláusulas matriz e encaixada. Supomos que as correlatas, nesse modelo, ficariam classificadas entre a parataxe e a hipotaxe.

Somando-se a esses dois quadros teóricos, recuperamos o trabalho clássico de Lehmann (1988) sobre combinação de orações. Nesse texto, o autor estabelece um outro *continuum*, que parte de um pólo de máxima elaboração a outro de máxima compressão (ou condensação) de informação lexical ou gramatical. Nesse *continuum*, coordenação e subordinação ocupariam as extremidades opostas. Lehmann prevê que, entre os dois extremos do *continuum*, possam ocorrer tipos intermediários, como orações correlatas, cláusulas nominais fraca ou fortemente dessentencializadas, cláusulas adverbiais fortemente nominalizadas, serialização verbal, etc.

Imaginando um *continuum* na hierarquia de integração de sentenças, o que negaria uma fronteira rígida entre coordenação e subordinação, teríamos um quadro assim representativo para os quatro tipos de correlatas:



Passando para o par correlativo *tanto...que*, poderemos esclarecer o seguinte:

3 O para correlativo *tanto... que* ou *que*

3.1 Gramaticalização (sintaticização)

Francis (1958, p. 366) analisa as estruturas correlativas como *split structures* (estruturas divididas), não empregando o termo “descontínuas”. Igualmente Dik (1972, p. 45-46) é cauteloso ao empregar o termo “descontínuas” para esse tipo de estruturas:

It is not advisable to treat correlative coordinators as parts of single discontinuous constituents. In a case like both...and, though it is true that both requires a following and, the reverse does not hold: and can occur without both. Moreover, if both...and were a single constituent, the same would apply to both...and...and, to both...and...and...and, and so on ad infinitum.

Também Said Ali (1931, p. 255):

Feita esta distinção, observaremos que as conjunções pertencem em geral às proposições seqüentes; a algumas porem respondem outras partículas correlativas nas proposições iniciais. Servem elas às vezes de um mero reforço, como no caso de *ou...ou...*, onde a partícula só é imprescindível na alternativa seqüente.

Ainda Dik põe por terra a hipótese de que esses elementos conjuntivos correlativos pudessem ser analisados como constituintes descontínuos, pois ele mostra que o segundo elemento pode funcionar i) sozinho ou ii) combinado com o primeiro. Isso comprova nossa hipótese de que são dois elementos que se correlacionam e não uma “unidade que se descontinua”. Se fosse uma única conjunção, seria presumivelmente impossível dar o significado descritivo de cada uma das partes, ou de um dos pares apenas. Igualmente,

em português, podemos fazer alguns testes formais para comprovar a interdependência dos dois elementos e sua autonomia, como elementos conjuntivos, mormente o segundo elemento do par conjuntivo. Ex.:

- (12) [...] “sectario dos inimigos da Nação, por cujos interesses elle tanto pugnou, e antes nos inclinamos a crer, que aceitou a pasta na persuasão de ser útil á sua Pátria;” [...] [PE/RE DP 19/1]
- (12a)* sectario dos inimigos da Nação, por cujos interesses elle tanto pugnou, e antes nos inclinamos a crer, aceitou a pasta na persuasão de ser útil á sua Pátria [...]
- (12b) sectario dos inimigos da Nação, por cujos interesses elle PUGNOU, e antes nos inclinamos a crer, que aceitou a pasta na persuasão de ser útil á sua Pátria [...]

Igualmente (12a)* é uma sentença agramatical. Já (12b) será sentença aceitável, se alteramos o seu padrão prosódico, enfatizando PUGNOU, objetivo central da nossa exposição. Sem a ênfase, o conjunto de sentenças não teria sentido, pois o *que* introduziria uma subordinada objetiva direta regida pelo verbo *crer*.

3.2 Semantização

Tendo, por exemplo, a sentença abaixo:

- (13) [...] por cujos | interesses elle *tanto* pugnou, e antes nos in- | clinamos a crer, *que* aceitou a pasta na per- | suasão de ser útil á sua Patria; [...] [PE/RE DP 19/1]

a terceira sentença “que aceitou a pasta na persuasão de ser útil á sua Patria” exprime a consequência de outro fato dado como causa; mas a consequência resulta de uma ênfase referida ao fato causador. Essa ênfase é representada por meio do intensificador *tanto*. Esse intensificador constitui o primeiro termo da correlação. Sem ele, não há como prender a segunda sentença à primeira.

O intensificador, além disso, pode ligar-se ao verbo, como no exemplo acima, mas também a adjetivo, substantivo ou advérbio. Exs.:

- (14) [...] por isso que ninguém se pode jactar de ter um passado tão puro, que a maledicencia não possa n’elle descortinar uma falta occulta para trazê-la á luz da publicidade. [PE/RE OH 19/2]
- (15) [...] e lhe pedimos desculpa de tanta | demora, que não he filha de maldade nossa. | | *O Redactor*. [RJ/RJ SL 19/1]

(16) *Senhor* presidente, só quem não tem pratica, só quem não tem | lido as obras de cirurgia, pode afirmar tão cathegoricamente que | as feridas contusas não se reúnem por 1a. intensão. [RJ/RJ GM 19/1]

Intensidade é um dos 55 *universal semantics primitives* descritos por Wierzbicka (1996, p. 67-68; p. 141), dentro da categoria que a autora denomina de *very*. É curioso notar que, para o português, quantidade e intensidade são categorias imbricadas. Porque, quando há uma quantificação, que aumenta a extensão de uma classe, concomitantemente haverá uma intensificação, seja positiva, seja negativa, que corroborará para a mudança de limites dessa classe. Assim em:

(17) Comeu tanto cuscuz que teve uma indisposição estomacal.

Como intensificador/quantificador, *tanto* age sobre o SV *comeu*. A segunda sentença “que teve uma indisposição estomacal” exprime a consequência de outro fato dado como causa; mas a consequência resulta de uma ênfase referida ao fato causador, “comer tanto”. Essa ênfase é representada por meio do intensificador/quantificador *tanto*. Esse intensificador/quantificador constitui o primeiro termo da correlação. Sem ele, não há como prender a segunda sentença à primeira.

(18) COMEU cuscuz que teve uma indisposição estomacal.

Já em (18), a correlação é mantida. Não se trata de uma supressão da primeira sentença correlata, mas sim da substituição de *tanto* por um outro procedimento linguístico que, apesar da natureza diferente, assegura igualmente a expressão do conteúdo consecutivo. Estamos, pois, diante de procedimentos formalmente diferenciados — um de natureza sintática e outro de caráter prosódico, mas semanticamente equivalentes. O *que* correlativo e o tom de suspensão na palavra COMEU atuam, em definitivo, como requisitos alternativos exigidos para a instância consecutiva, que, como vimos, não pode garantir por si mesma os conteúdos léxicos dos quantificadores intensivos (suprimidos).

Caso contrário, analisarei (18b) “que teve uma indisposição estomacal” como uma sentença subordinada adjetiva, ligada à palavra *cuscuz*. Aí entraríamos em uma problemática maior, talvez produtiva nesses casos, que seria um estudo sobre as sentenças relativas no português.

Considerações finais

A sentença com o *que* consecutivo não só se limita a completar o significado de *tanto*, mas também constitui a garantia de seu valor intensivo. Dessa forma, fica garantida não só sua viabilidade gramatical, mas também semântica: esta particularidade do

significado consecutivo, ao contrário do comparativo, não depende somente do conteúdo léxico do antecedente, mas da construção considerada em seu conjunto. A intensidade consecutiva não corresponde ao conteúdo de nenhum radical em particular, senão o que vem expresso pela relação entre os dois termos da estrutura, o intensificador/quantificador intensivo *tanto* e a oração iniciada por *que*.

A partir do momento em que o intensificador/quantificador *tanto* é suprimido, a correlação continua existindo agora em dois planos de análise, o prosódico e o sintático. A correlação se faz com a palavra que o intensificador/quantificador escopava, agora destacada prosodicamente, com a conjunção da sentença subsequente, formalmente expressa.

Referências

- ABREU, Antonio Suarez (1997). Coordenação e subordinação — uma proposta de descrição gramatical. *Alfa*, São Paulo, n. 41, p. 13-37.
- BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia (Org.) (2004) *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores*. Rio de Janeiro, UFRJ. Versão digitalizada.
- BARRETO, Mário (1914). *Novíssimos estudos da língua portuguesa: coleção de artigos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire (1997). *Approches de la langue parlée en français*. Paris: Ophrys (Collection L'Essentiel Français)
- BRAGA, Maria Luiza (2001). Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2º. semestre, p. 23-34.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2007). Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova lingüística histórica. In: CASTILHO, Ataliba T. de; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini; LOPES, Ruth E. Vasconcellos (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo/Campinas: Fapesp/Pontes.
- DIK, Simon C. (1972). Repetitive, correlative, and heterogeneous coordinators. In: DIK, Simon C. *Coordination: its implications for the theory of general linguistics*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company. p. 45-47.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN Jr., Robert D. (1984). *Functional syntax and universal grammar*. Nova York: Cambridge University Press.
- FRANCIS, W. Nelson (1958). *The structure of American English*. New York: The Ronald Press Company.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth. C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEHMANN, C. (1988). Towards a typology of clause linkage. In.: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins. p. 181-225.
- MELO, Gladstone Chaves de (1954). *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões. p. 121-129.

MÓDOLO, Marcelo (2005). *Categorias de 'foco', 'inclusão', 'quantidade', 'intensidade' e a gramaticalização dos pares conjuncionais correlativos*. Projeto de Pós-Doutorado. São Paulo: FAPESP, inédito.

MOURA NEVES, Maria Helena (2008). A difusa zona adverbial. O caso da combinação de orações. *Linguística*, Santiago do Chile, ALFAL, v. 20, p. 25-47.

SAID ALI, Manuel (1931). *Gramática histórica da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Comp. Melhoramentos de São Paulo.

WIERZBICKA, Anna (1996). *Semantics: primes and universals*. Oxford/New York: Oxford University Press.

